

Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

FRATURAS APENDICULARES DE GATOS: MÉTODOS DE OSTEOSSÍNTESE E DESFECHO FINAL (2013 - 2022)¹

CAT LIMB FRACTURES: OSTEOSYNTHESIS METHODS AND FINAL OUTCOME (2013 - 2022)

Thayná De Souza Martins², Gabriele Maria Callegaro Serafini³

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no curso de Medicina Veterinária da Unijuí

² Bolsista PIBIC/UNIJUI; estudante do curso de Medicina Veterinária; thayna.martins@sou.unijui.edu.br

³ Professora orientadora; Unijuí; gabriele.serafini@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

As fraturas correspondem a grande parte dos atendimentos ortopédicos na rotina clínico-cirúrgica de pequenos animais (FOSSUM, 2021). Consistem na perda completa ou incompleta da continuidade de um osso ou cartilagem, associadas a lesões em tecidos moles, comprometendo a função locomotora (BRINKER; PIERMATTEI; FLO, 2015), e ocorrem principalmente, em decorrência de traumas diretos (DENNY; BUTTERWORTH, 2006).

A correção cirúrgica de danos ortopédicos visa diminuir lesões secundárias em tecidos moles, vasos, artérias, nervos, e assim minimizar sequelas decorrentes do trauma (JERICÓ; NETO; KOGIKA, 2014). Além disso, proporciona retorno à função fisiológica do membro acometido, por meio de uma osteossíntese estável e adequada, promovendo conforto ao paciente (FOSSUM, 2021). Dessa forma, o conhecimento sobre a anatomia apendicular e fisiologia das fraturas é fundamental para a escolha de condutas corretas, objetivando a cicatrização óssea e prognóstico favorável ao paciente (KEMPER; DIAMANTE, 2010).

O aumento da população de gatos domésticos com livre acesso às ruas, resulta no aumento significativo do número de atendimentos destes animais apresentando fraturas ósseas (MESQUITA et al., 2011). Portanto, esse estudo tem como objetivo determinar a prevalência de fraturas do esqueleto apendicular de gatos, assim como os métodos cirúrgicos adotados para tratamento destas fraturas e desfecho final, no período de abril de 2013 a abril de 2022 no Hospital Veterinário da Unijuí.



METODOLOGIA

Avaliaram-se todos os registros de fraturas do esqueleto apendicular de gatos, tratadas cirurgicamente no Hospital Veterinário da Unijuí no período entre abril de 2013 a abril de 2022. Através desses registros foi possível contabilizar quantas fraturas foram corrigidas através de cirurgias, quais ossos, distinção de idade, etiologia, assim como o método cirúrgico empregado e o resultado obtido, cicatrização ou reintervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nove anos, no Hospital Veterinário da Unijuí, foram realizados 48 procedimentos cirúrgicos para correção de fraturas do esqueleto apendicular em 45 felinos. O número superior de fraturas comparado ao número de animais justifica-se pois alguns pacientes apresentavam mais de uma fratura que foi submetida à correção cirúrgica.

Os membros pélvicos em comparação aos membros torácicos, são mais expostos às fraturas (SOUZA et al., 2011), sendo o fêmur o osso mais acometido, seguido pela tíbia e fíbula, de acordo com estudos de Vidane et al. (2014). Afirmações que condizem aos dados obtidos neste estudo, no qual observou-se que as fraturas mais prevalentes foram as de fêmur (35%; n=17), seguidas das fraturas de tíbia e fíbula (25%; n=12). Já as fraturas de pelve (4%; n=2), tarso (4%; n=2) e metatarso (2%; n=1) apresentaram-se menos frequentes, pois os ossos pequenos, têm menos predisposição a fraturas quando comparados aos ossos longos que possuem baixa cobertura muscular (BRINKER; PIERMATTEI; FLO, 2015).

Quanto às fraturas de membros torácicos, evidenciou-se uma menor casuística, sendo o úmero o osso acometido com maior frequência (25%; n=12), seguido do rádio e ulna (4%; n=2). Não foram obtidos registros quanto a fraturas de escápula, acredita-se que porque estas são incomuns, devido a musculatura que envolve o osso, proporcionando uma proteção a região, no caso de lesões diretas (FOSSUM, 2021).

No que diz respeito à idade, sabe-se que animais jovens possuem ossos mais frágeis, além de pouca habilidade para escapar de traumas (VIDANE et al., 2014). Neste estudo os gatos foram agrupados em: filhotes (até um ano de idade - 58%; n=26), adultos (um a sete anos - 22%; n=10), e idosos (a partir de sete anos - 4%; n=2). Sete animais não possuíam registro quanto a idade (16%). Dados semelhantes foram observados por Siragusi; Siqueira, Franco (2015), no estudo retrospectivo de 36 casos de fraturas em felinos domésticos realizado na



Universidade de Marília – SP, no qual observaram prevalência de felinos com idade inferior a um ano.

A maioria das fraturas não tinha informações quanto a etiologia (46%; n=22), fator que pode ser justificado devido ao fato de que a perambulação livre desses animais em ambientes externos proporciona situações de risco, além das chances de submeter os gatos a algum tipo de injúria ou traumatismos (MAZZAFERRO, 2013), sem que seus tutores tenham conhecimento.

De acordo com os registros, os acidentes automobilísticos mostraram-se como principal causa (33%; n=16), bem como Denny; Butterworth (2006) afirmam, que os acidentes automobilísticos ocupam uma posição de destaque dentre as causas de fraturas em felinos. Interação animal (10%; n=5), acidentes com armas de fogo (6%; n=3) e quedas (4%; n=2) tiveram menores casuísticas neste estudo.

Referente aos métodos utilizados para correção das fraturas apendiculares, os de fixação intramedular, como pinos cruzados, rush modificado e pinos intramedulares foram os mais utilizados (50%; n=24), visto que, são métodos simples de reparação de fraturas que se mostram eficientes em muitos casos ortopédicos (DENNY; BUTTERWORTH, 2006). Além destes, foram empregados o uso de fixadores esqueléticos externos associados ou não a outros métodos, como cerclagens e pinos intramedulares (29%; n=14), banda de tensão (4%; n=2), cerclagem e hemicerclagem associadas ou não a pinos (4%; n=2), placa e parafusos (2%; n=1). Ainda, houve outros métodos de tratamento, como amputação e colocefalectomia (10%; n=5), que se mostraram necessários devido a apresentação de algumas fraturas.

Com relação ao desfecho das osteossínteses realizadas (n=43), mais da metade dos casos não apresentaram informações suficientes quanto à cicatrização (51%; n=22). Acredita-se que parte dessa falta de dados esteja relacionada ao fato de que após o procedimento cirúrgico, quando o animal não apresenta nenhuma alteração ou desconforto, muitos tutores não retornam para a realização de radiografias de controle.

Dos 47% (n=20) de casos que foi possível acompanhar a evolução até a completa cicatrização, apenas um caso teve que ser submetido à reintervenção (2%). Considerando que, a cicatrização óssea é influenciada por vários fatores, como aporte sanguíneo na região da fratura, redução adequada dos fragmentos e grau de estabilização de acordo com o método



cirúrgico utilizado (BRINKER; PIERMATTEI; FLO, 2015) o resultado das osteossínteses do presente trabalho pode ser considerado como satisfatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que na população de gatos estudada, as fraturas de fêmur foram as mais prevalentes, sendo que o método de fixação intramedular foi a conduta adotada com maior frequência. Os filhotes foram os mais acometidos e atropelamentos foram as causas mais prevalentes. Quanto ao desfecho final, dos casos acompanhados até a completa cicatrização, apenas um caso necessitou de reintervenção.

Palavras-chave: Apendicular. Desfecho. Fraturas. Gatos. Métodos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRINKER, O.; PIERMATTEI, D.; FLO, G. **Small Animal Orthopedics and Fracture Repair**, 5. ed. Saunders, 880p, 2015.

DENNY, H. R.; BUTTERWORTH, S. J. **Cirurgia ortopédica em cães e gatos**. 4. ed. São Paulo: Rocca, 2006. 504 p.

FOSSUM, T. W. **Cirurgia de Pequenos Animais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1584p, 2021.

JERICÓ, M. M.; NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos**, 1. ed. São Paulo: Gen Roca, 2464p, 2014.

KEMPER, B.; DIAMANTE, G. A. C. Estudo Retrospectivo das Fraturas do Esqueleto Apendicular de Cães Atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Norte do Paraná (Unopar) no Período de Janeiro de 2007 a Março de 2009. **Ciências Biológicas e da Saúde**. v. 12, n. 2, p. 23-26. 2010.

MAZZAFERRO, E. M. **Emergências e cuidados críticos em pequenos animais**, 1. ed. São Paulo: Rocca, 718p, 2013.



MESQUITA, L. R. et al. Afecções ortopédicas em gatos - Estudo retrospectivo. **Sociedade Veterinária do Rio Grande do Sul**. 2011.

SIRAGUSI, R. H.; SIQUEIRA, R. C.; FRANCO, R. P. Estudo retrospectivo das fraturas em felinos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade de Marília – SP/Brasil no Período de 2007. **Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 13, n. 2, p. 10–15, 2015.

SOUZA, M. M. D. et al. Afecções ortopédicas dos membros pélvicos em cães: estudo retrospectivo. **Ciência Rural**. v. 41, n. 5, p. 852-857, 2011.